ISSN 1518-3483
Licenciado sob uma Licença Creative Commons

# E-group: uma estratégia para o desenvolvimento profissional de professores

## *E-group: a strategy for the professional development of teachers*

**Andréia de Assis Ferreira[a], Bento Duarte da Silva[b]**

[a] Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), consultora em EAD, docente da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, MG - Brasil, e-mail: andreia.assis.ferreira@gmail.com

[b] Doutor em Educação pela Universidade do Minho, diretor e docente do Departamento de Estudos Curriculares e Tecnologia Educativa do Instituto de Educação da UMinho, coordenador da área de especialização de Tecnologia Educativa do Mestrado em Ciências da Educação da UMinho, Braga - Portugal, e-mail: bento@ie.uminho.pt

**Resumo**

Neste texto, colocaremos em discussão, de forma predominante, o referencial teórico que norteou uma pesquisa de doutoramento[1] acerca do desenvolvimento profissional de professores de História da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte (Brasil),

[1] Sob orientação da Dra. Lana Mara Siman, UFMG.

que vivenciaram um processo de formação e consolidação de um grupo colaborativo, mediado pelas tecnologias de informação e comunicação aplicadas à educação - TICE. Destacamos como a colaboração *online* pode ser potencializadora do desenvolvimento profissional de professores e apresentamos breves exemplos dessa interação mediada pela ferramenta E-group. A partir do conceito de desenvolvimento profissional adotado por Garcia (1999) – como o conjunto de processos e estratégias que facilitam a reflexão dos professores sobre a sua prática, que contribui para que os professores gerem conhecimento prático, estratégico e sejam capazes de aprender com sua experiência –, acreditamos que o grupo colaborativo virtual pode ser um espaço desencadeador e propício para que essas reflexões ocorram.

**Palavras-chave**: Colaboração *online*. Desenvolvimento profissional de professores. Tecnologias de informação e comunicação aplicadas à educação. Lista de discussão.

***Abstract***

*In this text, predominantly, the theoretical framework that guided a doctoral research on the professional development of History teachers of the Municipal School of Belo Horizonte (Brazil), who experienced a process of formation and consolidation of a collaborative group mediated by information and communication technologies applied to education - TICE. We highlight how online collaboration can be an aggravator of the professional development of teachers and provide examples of this interaction mediated by E-tool group. From the concept of professional development adopted by Garcia (1999) – as the set of processes and strategies that facilitate teachers' reflection on their practice, which helps teachers to manage knowledge, strategy and be able to learn from their experience – we believe the e-group may be a collaborative work space that stimulate these thoughts to occur.*

***Keywords**: Online collaboration. Professional development of teachers. Information and communication technologies applied to education. Discussion list.*

## Introdução

As Tecnologias de Informação e Comunicação não são apenas meros instrumentos que possibilitam a emissão e a recepção deste ou daquele conteúdo informativo. Elas condicionam profundamente a ecologia comunicacional e educacional das sociedades, favorecendo o surgimento de novas práticas, atividades e comportamentos, de novas formas de estar e de ser no mundo. Um "novo mundo comunicacional".

Para Silva (2001, p. 840), cada época histórica e cada tipo de sociedade possui determinada configuração que lhe é devida e proporcionada pelo estado das suas tecnologias de informação e comunicação, reordenando de um modo particular as relações espaçotemporais, nas suas diversas escalas (local, regional, nacional, global) mantidas pelo homem com o mundo, e estimulando e provocando transformações noutros níveis do sistema sociocultural (educativo, econômico, político, social, religioso, cultural etc.).

Nesse sentido, Tecnologias de Informação e Comunicação aplicadas à Educação (TICE) modificam os tempos, os ambientes e as formas habituais de nos relacionarmos com o ensino e a aprendizagem. Desenham novas formas de interagirmos uns com os outros, novas formas de acesso ao saber e de construção do conhecimento.

Consideramos que a inserção das TICE no trabalho docente pode potencializar o processo de desenvolvimento profissional dos professores e a abertura de caminhos para a construção e reformulação de uma nova prática. Como Costa (2004, p. 73), também entendemos que essas alterações, decorrentes da incorporação das TICE pelo coletivo de professores, podem trazer um novo contorno ao desenvolvimento profissional. Entretanto, para que isso aconteça, não é suficiente pensarmos em artefatos tecnológicos. O aspecto fundamental está na formação de professores, que devem possuir uma preparação adequada à utilização consciente e crítica da tecnologia em sua prática pedagógica; melhor dizendo, vivenciar um processo de formação de grupo colaborativo mediado pela tecnologia.

A inserção das TICE, bem como as reflexões acerca de suas possibilidades nas escolas, é essencial para contribuir na formação de um

sujeito historicamente situado, e o professor não pode ficar alheio ao movimento impresso pelas relações estabelecidas entre as TIC e a sociedade contemporânea. A literatura e a nossa própria experiência mostram que a inserção das TIC em ambientes educacionais apresenta grandes desafios. Implica entendê-las como mediadoras do processo de ensino e aprendizagem, provocando um redimensionamento dos conceitos já conhecidos e cristalizados, ao mesmo tempo que impulsiona à compreensão de novas ideias e novos valores. Requer, ainda, a análise cuidadosa do que significa ensinar e aprender, além de rever o papel do professor nesse contexto.

## Fundamentação da problemática em estudo

### Colaboração e cooperação

Há algum tempo, os conceitos *cooperação* e *colaboração* começam a ser aplicados de forma mais significativa no contexto da pesquisa educacional. Apesar de semelhantes, cooperação e colaboração são formas de relacionamento distintas na essência de sua organização.

Há pesquisadores que entendem que o termo "cooperação" é mais abrangente com distinções hierárquicas de ajuda mútua, ao passo que na colaboração existe um objetivo comum entre as pessoas que trabalham em conjunto sem uma hierarquia (NITZKE et al., 1999).

Torres, Alcântara e Irala (2004, p. 6), ao analisarem as distintas características dos construtos cooperação e colaboração, sintetizam que esses diversos conceitos designam atividades de grupo que pretendem um objetivo em comum. Apesar de suas diferenciações teóricas e práticas, ambos os conceitos derivam de dois postulados principais: de um lado, da rejeição ao autoritarismo, à condução pedagógica com motivação hierárquica, unilateral. De outro, trata-se de concretizar uma socialização não só pela aprendizagem, mas principalmente na aprendizagem. Dessa forma, esses dois propósitos se organizariam mediante um instrumento que equaciona a comunicação com tais características: trata-se de uma comunicação direta, contínua, construtiva.

Para Day (2001), a colaboração representa uma forma particular de cooperação que envolve trabalho conjuntamente realizado de modo que os atores envolvidos aprofundem mutuamente o seu conhecimento. Por outro lado, esse autor usa a noção de cooperação para designar toda a investigação educacional realizada nas escolas, mesmo aquela em que os investigadores se limitam apenas a usar professores e alunos como fontes de dados. No mesmo sentido, Day explica que, enquanto na cooperação as relações de poder e os papéis dos participantes no trabalho cooperativo não são questionados, a colaboração envolve negociação cuidadosa, tomada conjunta de decisões, comunicação efetiva e aprendizagem mútua num empreendimento que se foca na promoção do diálogo profissional.

Em síntese, caracterizamos o trabalho colaborativo como aquele em que: a participação é voluntária e todos os envolvidos desejam crescer profissionalmente; a confiança e o respeito mútuo fundamentam todo o trabalho; os participantes trabalham juntos (colaboram) por um objetivo comum, construindo e compartilhando significados acerca do que estão fazendo e do que isso significa para suas vidas e para sua prática; os participantes se sentem à vontade para se expressar livremente e estão dispostos a ouvir críticas e a mudar; não existe uma verdade ou orientação única para as atividades; cada participante pode ter diferentes interesses e pontos de vista, aportando distintas contribuições, ou seja, existirão diferentes níveis de participação.

A colaboração envolve mudanças nas formas estabelecidas de convívio e hierarquia, uma vez que não pode ser imposta, mas precisa ser construída. Ao contrário das formas típicas de autoridade atribuídas aos papéis e relacionamentos institucionais, esse tipo de relacionamento propõe a incorporação de múltiplas perspectivas e o envolvimento dos indivíduos em um clima tal que sintam vontade de compartilhar suas diferenças e semelhanças. Neste trabalho, utilizaremos o termo colaboração para designar o tipo de relacionamento em que cada indivíduo participa da maioria das decisões: escolher a meta, definir as estratégias, definir as tarefas e avaliar o resultado; e o faz consciente de que é algo realmente importante para ele, algo que tanto beneficia todo o grupo, quanto a ele diretamente.

Focaremos a colaboração *online* mediada pela ferramenta *E-group* do servidor Yahoo!. Essa ferramenta possibilita a troca de mensagens instantâneas, arquivamento de material (artigos, conclusões de fóruns, planos de aula, fotos, enquetes, fórum etc.) e, nesse sentido, interessava-nos averiguar até que ponto a colaboração *online* pode proporcionar aos professores envolvidos oportunidades de refletir, articular e discutir seu conhecimento profissional, além de possibilitar que eles próprios experimentem novas formas de pensar o ensino.

## Desenvolvimento profissional de professores

A diversidade de significados atribuídos aos termos formação e desenvolvimento profissional devem-se ao fato de alguns autores atribuírem o mesmo sentido a esses termos e outros tentarem conceituá-los sob diferentes perspectivas ou paradigmas. Embora haja muitos pontos em comum entre os dois construtos, sua utilização deve ser feita com prudência, pois existem significativas diferenças entre eles. A formação, por exemplo, tem subjacente uma lógica "escolar" enquanto o desenvolvimento profissional processa-se por múltiplas formas e processos. A formação é construída tendo como pressuposto a carência do professor numa certa área do saber; no desenvolvimento profissional, parte-se do professor, das suas experiências, dos seus saberes, para desenvolvê-los (PONTE, 1998).

Segundo Costa (2004, p. 46), a importância de encarar a formação na perspectiva do desenvolvimento profissional resulta da constatação de que uma sociedade em constante mudança impõe à escola responsabilidades cada vez maiores. Exige-se do professor atitude de constante aprendizagem relacionada aos problemas que emergem da prática pedagógica, englobando os processos que melhoram seu conhecimento profissional, seu grau de autonomia, suas relações com pares e as possibilidades de refletir sobre seu trabalho e as condições em que este se realiza.

Assim, adotamos neste artigo o termo "desenvolvimento profissional" para nos referirmos a um processo maior e mais complexo, que envolve

tanto a formação inicial quanto a continuada, as experiências como aluno e professor, e que pode ocorrer não apenas a partir de cursos, seminários e oficinas, mas também no dia a dia, no contato com colegas, pais e alunos, nas leituras e reflexões pessoais. Dessa forma, é um processo que envolve a aprendizagem de novos conhecimentos e habilidades que, gradativamente, passam a se refletir no discurso, nos saberes e na prática do professor.

Não podemos deixar de problematizar que nem sempre esses processos são valorizados, apoiados e estimulados. Na maioria das escolas, não há organização de tempos para a troca de experiência e saberes, o que, muitas vezes, impede a implementação de projetos de inovação. É necessário que haja, portanto, um contexto favorável ao desenvolvimento profissional, um espaço rico em oportunidades, aberto às demandas do professor, atento aos saberes e às experiências e organizado de forma que possibilite o tempo e o espaço necessários para que a aprendizagem ocorra. Um espaço propício para práticas colaborativas de reflexão e investigação entre os professores, que pode ter expressão no E-group.

## Lista de discussão – E-group

As listas de discussão surgem na década de 70 como um sistema de comunicação adaptado para a comunicação coletiva, todos-todos, baseado na cooperação dos participantes e no intercâmbio de conhecimentos. É um ambiente de trocas de informação por meio de *e-mails*, que possibilita a troca de mensagens instantâneas, arquivamento de material (artigos, conclusões de fóruns, planos de aula), fotos, enquetes, fórum. Permite criar espaço para troca de mensagens relativas a um assunto específico ou para reunir um grupo de interesse comum em listas de discussão. Na investigação de doutorado[2], a que esse texto se remete, foi escolhida a

[2] FERREIRA, A. A. *Desenvolvimento profissional de professores de História*: estudo de caso de um grupo colaborativo mediado pelas tecnologias de informação e comunicação aplicadas à educação. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. (Pesquisa financiada pelo CNPq).

ferramenta E-group do servidor Yahoo! pela facilidade e praticidade na utilização. Além disso, a maioria dos professores do grupo já possuía uma conta de *e-mail* do referido servidor.

Considerou-se nesta investigação o referido servidor como um espaço coletivo de debates de ideias, de troca, estudo e discussão de textos, avaliação dos encontros, sugestões. O E-group foi escolhido por ser, dentre os múltiplos ambientes existentes que podem consentir a colaboração, o que mais facilmente se apresentou aos usuários. Não necessita de programas especiais, aceita a participação assíncrona e existe em abundância.

Vários são os benefícios apresentados na participação em grupo de discussões em ambientes de comunicação mediada por computadores. Rojo (1995) ressalta alguns: travar contato com ideias correntes, lançamentos e eventos no campo de estudo; ter a oportunidade de obter rapidamente respostas de qualidade; conseguir materiais de valor, ou indicações de como consegui-los; aprender sobre o meio em si; adquirir o sentimento de fazer parte de uma comunidade de interesse; ter a oportunidade de expressar ideias e sentimentos; ter a oportunidade de intensificar contatos com pessoas compartilhando interesses similares.

As listas de discussão existentes na internet possibilitam a partilha de informação, conhecimento, permitindo aos participantes analisar e discutir a perspectiva dos outros, refletir sobre seu próprio conhecimento e apresentar seu ponto de vista. Elas oferecem oportunidade ao indivíduo de aprender por meio de atividades desenvolvidas colaborativamente. Essa interação é um fator significativo para a construção do próprio conhecimento e do percurso pessoal de aprendizagem.

## Metodologia

Este artigo é fruto de uma pesquisa no âmbito de um projeto de doutoramento cujo objetivo foi investigar o processo de constituição e

desenvolvimento de um grupo de trabalho colaborativo de professores de História da cidade de Belo Horizonte (Brasil), mediados pelas TICE.

A abordagem metodológica adotada foi a qualitativa, tendo um caráter exploratório, à medida que se propôs a identificar e conhecer as características dos professores participantes (quem são enquanto profissionais e o que pensam acerca do processo de ensino e aprendizagem) e suas práticas pedagógicas. Nas interações *online*, procuramos avistar os seguintes elementos favorecedores (CAIMI, 2006): a) a possibilidade de questionar os processos naturalizados de sala de aula e as posições instituídas de saber centradas no professor; b) a possibilidade de oportunizar lugares de dizer a todos, simultaneamente, potencializando o tempo pedagógico; c) a possibilidade de favorecer as discussões e a produção cooperativa, gerando material abundante para a análise compartilhada e o redimensionamento do trabalho por registros postados no ambiente; d) a possibilidade de experimentar um processo de construção de conhecimento.

Destacaremos neste texto exemplos de colaboração e interação de um grupo de nove professores de História – que constituíram a amostra da pesquisa – pela análise de conteúdo das reflexões postadas e enquetes, dando enfoque à potencialidade da ferramenta E-group.

## Resultados

Neste trabalho, analisamos especificamente a interação verificada no fórum de discussão (as trocas, reflexões e construções coletivas dos professores do grupo), processo que Primo (2007) classifica como "interação mútua", em virtude de suas características de problematização, negociação e modificações recíprocas dos interagentes durante o processo interacional.

Verificamos várias iniciativas de estímulo ao ambiente virtual, tais como referências aos *sites* ali postados e recomendações de uso pelos colegas; prontidão de resposta quando se trata de ajudar algum colega em eventual dificuldade técnico-operacional relativa ao uso do ambiente, dentre outras. “Olá

colegas, talvez já tenham lido as reportagens (refere-se à reportagem *A História como ela* é, publicada na Carta Capital), mas, se não" (Pedro).

> Oi, pessoal. Eu fiz um *blog* para que os alunos da tarde façam comentários sobre as aulas de História em 2007. A repercussão foi ótima. Já tem mais de 100 comentários. Se vocês tiverem tempo, deem uma olhada. Essa é uma atividade que possibilita alguns ganchos com outras disciplinas, principalmente Português (Herbert).

Também se destaca a forma de lidar com os referenciais teóricos, ultrapassando leituras mecanicistas e, em alguns casos, estéreis dos textos. Assim, os professores tratam as leituras propostas de modo dinâmico, comentando, discutindo e esclarecendo pontos dúbios. O grupo se gerencia enquanto aproveita a teoria estudada para esclarecer, ampliar e redimensionar as questões advindas da prática; ao mesmo tempo, tornam essas questões, instrumentos para questionar, refutar e/ou reafirmar as teorias.

Desse modo, o ambiente *online* constituiu um espaço fértil para a colaboração, espaço de discussão, análise, e, principalmente, construção coletiva de saberes, mediante a reflexão e a teorização sobre a própria prática docente no encontro/confronto com a prática docente do outro. Além de se constituir em contexto de desenvolvimento profissional, as interações *online* ampliaram o vínculo afetivo entre os professores do grupo:

> Herbert, seu blog está muito bacana! Parabéns! Quando eu "crescer" quero ser que nem você! Sujeitos a pampas! Abraços do colega (com muita honra) (Pedro).

> Pessoal, Passar a tarde do dia 27 no Mercado Central foi muito agradável. Bebemos, comemos, conversamos, rimos e fortalecemos o grupo. Na próxima vez, vamos tentar levar o grupo todo, pois momentos como esses são inesquecíveis. Valeu! (Herbert).

A característica da "não presença" do ambiente *online* cria uma dinâmica distinta em que as pessoas podem se comportar de modo

diferente da forma como o fazem nos encontros presenciais: participar mais ou menos, se expressar mais e de formas variadas ou o oposto. Os professores destacaram algumas características do E-group que favoreceram a consolidação da colaboração no grupo; por exemplo, seu caráter democrático, a possibilidade de refletir sobre o escrito, a potencialização da autoria e a articulação/organização do trabalho.

Herbert ressalta que o E-group é um espaço importante para resolver tanto questões de ordem prática quanto questões pedagógicas e teóricas. Seu caráter democrático permite que todos se expressem livremente.

> Como dissemos na última reunião, o grupo anda ligeiro no virtual. Muitas questões são resolvidas no E-group, algumas de ordem prática, como a que horas reunir, o que levar de lanche, o roteiro da reunião etc. Outras de ordem conceitual como essa agora, ou sobre Webquest ou sobre a prática pedagógica. Outro ponto positivo que vejo nas listas de discussão é o seu caráter democrático, pela oportunidade de todos se expressarem livremente e serem ouvidos pelos demais. Concordo com a Andréia quando ela diz que essa ferramenta foi essencial para a consolidação do nosso grupo, pois ela nos aproximou (Herbert).

Mariano destaca algumas vantagens do E-group:

> - o grupo virtual possibilita reflexões mais profundas: há um tempo para planejar as respostas. Há um tempo para escrever e, novamente, refletir sobre o escrito. Esse tempo faz muita diferença no debate. Daí eu acreditar que há aprofundamento. Não estou querendo dizer com isso que esse debate é melhor do que o outro, o presencial. Mas é diferente. O outro debate também tem a sua importância: o olho no olho, as interações, as sensações, o corpo falando (e às vezes de modo antecipado).
> - o grupo virtual nos possibilita entender bem uma das potencialidades da internet: a autoria. Quanto conhecimento já produzimos nesse grupo! Nós não vamos escrever um livro? O grupo virtual tem dado um caldo muito bom para pensarmos no livro.
> - o grupo virtual é articulador. Essa perspectiva que o Herbert apontou: organiza o trabalho e nos articula no campo conceitual. Eu apontaria

> ainda uma terceira linha: ele me lembra do compromisso que assumi com todos vocês e me possibilita participar com o tempo que tenho (Mariano).

Entretanto, é preciso salientar que o ambiente virtual, nos primeiros momentos, foi subutilizado. Ainda que o grupo discutisse sobre a importância do uso das TICE nos encontros presenciais, mostrando desenvoltura e facilidade de expressão das ideias, demorou cerca de dois meses para que as mensagens postadas no E-group se tornassem rotineiras. O professor João ressalta que, no seu caso, o "pouco contato com as listas de discussão" e a falta de "paciência de ficar digitando" foram fatores determinantes da falta de interação no ambiente virtual. O professor Herbert destacou como as mensagens no E-group mudaram de formato tornando-se mais afetivas e menos formais. "Já estamos conseguindo nos comunicar sem tanta formalidade como era no começo. As mensagens são mais soltas. Há um afeto maior entre a gente. O Pedro usa todos os recursos! Cor de fonte, carinhas!" (Herbert). "Eu gosto de ver suas mensagens, Pedro! Todas coloridas!" (Heliane).

Ao longo dos encontros presenciais (parte prática), o grupo vivenciou momentos de dificuldade em utilização dos equipamentos e dificuldades operacionais como momentos em que arquivos não abriram, o som estava tão baixo que foi impossível implementar a atividade etc. O professor Mariano levanta a questão se "esse processo (referindo-se à aproximação à tecnologia) é o mesmo com os alunos" (Mariano 28/11/07). Apesar de essa questão não ser respondida no momento em que foi postada, o relato de experiência da criação de um *blog* – realizado pelo professor Herbert, sobre a postagem de mais de cem comentários no *blog* criado por ele – parece indicar que, para os alunos, o processo não é tão doloroso como é para os professores. Os professores, ao longo dos encontros, reconhecem essa facilidade dos alunos já que os mesmos, ao contrário dos professores, são "contemporâneos da tecnologia":

> [...] faço um rascunho manuscrito e depois passo a limpo para o computador ou vou direto à máquina [...]. Sou um dinossauro em fase de

> transição. Alguém, já nascido na era do Império Microsoft Windows, seria abraçado por essa dúvida atroz? Duvido (Pedro).

"Os meninos buscam os *sites*, acham o que lhes interessa" (Mariano). "São muito menos resistentes que nós" (Vyasa). "Os professores são os mais resistentes" (Heliane).

No entanto, ainda que acreditem que o uso das TICE auxilie na atividade profissional, o interesse e a habilidade em lidar com o computador podem ser uma estratégia para "abrir caminhos" para os alunos. Ressaltam, porém, as dificuldades de utilização das ferramentas que acabam por fazer com que o trabalho com os livros didáticos, como veremos mais adiante, "ganhe" do trabalho com as TICE: "o livro está lá na pasta do menino. Os computadores não funcionam" (Herbert).

Em síntese, os professores do grupo – ao se apropriarem do E-group – não apenas aproveitaram um espaço extra para discutir, refletir em conjunto e construir saberes, mas se aproximaram, eles próprios, da tecnologia que reconheciam ser importante para o ensino-aprendizagem de História.

Durante o período em que o ambiente E-group foi analisado, 756 mensagens foram postadas. No intuito de melhor analisá-las, agrupamos em indicadores mais frequentes, baseados na pesquisa de Caimi (2006), exemplificando por meio de extratos de enunciados postados no estudo:

1. Mensagens, dúvidas, pedido de ajuda (53 mensagens)

> Gente, me veio uma dúvida quando falamos de TICEs. Será que elas estão relacionadas somente ao uso dos computadores, internet? Onde entram a TV, DVD, data show, dentre outros recursos tecnológicos? (João).

> Eu estou precisando de um favor dos colegas do grupo. Estou querendo criar uma sequência didática para trabalhar a Idade Média com meus alunos da 5ª série e não sei por onde começar. Alguém tem alguma sugestão? Fico aguardando [...] (Heliane).

2. Mensagens de incentivo e satisfação por pertencer ao grupo (45 mensagens)

Tô gostando de ver. Não vamos deixar a peteca cair não, tá? (Heliane).

Quantas notícias boas! O Herbert conseguiu resolver a questão do acesso ao *blog*. Já podemos começar a escrever nosso relato de experiência e ainda surgiu essa possibilidade de publicar! Estou feliz com nosso grupo! (Vyasa).

3. Troca de experiências profissionais (87 mensagens)

Estou fazendo o curso na SMED e estou achando bem interessante. Estou fazendo "tempo e memória" com a professora L. No primeiro módulo, discutimos o que é memória e como ela perpassou pelos tempos históricos [...] (Heliane).

4. Sugestão de planejamentos e temas para discussão nos encontros (75 mensagens)

Gostaria de dar como sugestão, caso a equipe concorde, a leitura do artigo *Aprendizagem do Ensino de História em Museus*, pois só em outubro visitarei três museus com as turmas de 5ª e 6ª séries e acho que seria bem proveitoso (Heliane).

5. Troca de atividades e experiências pedagógicas (130 mensagens)

Ao trabalhar com a Webquest sugerida pelo Herbert, senti algumas dificuldades em manter a turma focada. Minha turma ficou muito dispersa com a quantidade de atividades e não consegui encerrar a atividade. Vou tentar com outra turma e vamos ver se repete (João).

Pessoal, envio abaixo a sequência didática que eu, Mariano e Vyasa fizemos [...] (Herbert).

6. Socialização de informações e dicas em geral (115 mensagens)

> Consegui o *e-mail* da casa de cultura Fiat, que está com uma exposição muito legal sobre mapas. Para o conteúdo de expansionismo marítimo, é interessante (Heliane).

7. Autoavaliação, busca constante de melhoria (5 mensagens)

> Segue abaixo a minha resposta, que creio não estar muito completa, precisando mesmo de uma maior análise, mas que por enquanto foi a que consegui desenvolver (VYASA).

8. Socialização de vitórias pessoais (4 mensagens)

> Acabei de ver que meu filhão passou no Cefet. UHUUHUUUH (Herbert).

> Hoje estou aqui para partilhar com esta nossa "comunidade aprendente da História" uma conquista que não é só meu desejo; que seja também de todos/as nós. Ontem saiu o resultado final da seleção do mestrado da UEMG (João).

9. Negociações sobre um determinado "problema" (31 mensagens)

> Oi, grupo! Estamos com um problema. Nosso encontro está coincidindo com um sábado letivo. Como podemos fazer para organizar isso? Vou pensar em algumas possibilidades e hoje à tarde ou amanhã mando notícias (Herbert).

10. Reflexões sobre uma temática específica (211 mensagens)

> Pessoal, seguem algumas reflexões minhas (nesta altura do campeonato não tão minhas...) sobre o que define ou determina se um aluno é letrado em História (Mariano).

Indagados a respeito da utilidade de uma lista de discussão no desenvolvimento profissional de professores, os participantes do grupo ressaltaram que ela é um excelente meio de socialização e troca de conhecimentos, podendo ser um instrumento potencializador de mudança da forma de interação entre pessoas.

Houve diversidade nos índices de frequência entre os participantes. Considerando que a adesão ao ambiente virtual se deu por convite,

sugestão ou iniciativa própria, mas não por exigência formal, podemos afirmar que a frequência média de postagem foi relativamente grande. Com a exceção de Vyasa, todos enviaram pelo menos 50 mensagens ao longo desse período. A literatura mostra que a frequência de enunciados em ambientes virtuais varia muito de acordo com determinado período e participante também (CAIMI, 2006).

Inseridos em um contexto em que a organização escolar não possibilita espaços de trocas de experiência e autoformação, os professores vêm se isolando cada vez mais. Nesse sentido, este estudo verificou que a ferramenta E-group pode ser uma estratégia pedagógica para que os professores possam compartilhar experiências com os colegas, construir projetos colaborativos e refletir sobre sua própria formação.

Em síntese, os professores se apropriaram de um instrumento (novo para a maioria), desenvolveram as habilidades necessárias para utilizá-lo e o fizeram intensamente. Eles trouxeram para o E-group suas preocupações, angústias, dúvidas, sugestões, dificuldades, mas também, suas conquistas e aprendizagens. O conteúdo das mensagens enviadas no E-group evidenciam que demonstraram interesse pelas questões trazidas pelos colegas e transformaram cada uma em possibilidades de olhar para si, interrogando as próprias práticas e experiências. Entendemos que esse é um dado essencial para o desenvolvimento profissional de professores. Dessa forma, o ambiente *online* mostrou-se um contexto extremamente rico em oportunidades de desenvolvimento profissional e de colaboração.

## Conclusão

A parceria entre professores não é fácil e exige o estabelecimento e a manutenção de relações duradouras, como a produção de um novo discurso pedagógico, mais do que apenas uma atitude de consumidores de conhecimento produzido pela investigação educacional (DAY, 1999). Portanto, a colaboração entre os professores pode ser o caminho para a realização pessoal, na profissão docente e para inovação e qualidade do ensino.

Entendemos que o conhecimento é produzido socialmente, que os profissionais têm muito a oferecer uns aos outros e que a troca de experiências e a partilha de saberes são essenciais. Dessa forma, a colaboração, como forma de relacionamento que privilegia o respeito mútuo, a parceria, o estabelecimento de metas comuns e a diluição da hierarquia, é uma modalidade comunicativa para o desenvolvimento profissional de professores.

Neste trabalho, o E-group mostrou-se uma ferramenta e uma estratégia facilitadora das interações e do processo de desenvolvimento profissional dos professores, já que permite colaboração, interlocução entre os pares, reflexão e aprofundamento da temática de estudo (as TICEs no ensino e aprendizagem). Nesta investigação, esteve presente a construção de novos elementos conceituais e de sínteses contínuas, havendo lugar para a afetividade e a colaboração entre os professores participantes.

## Referências

CAIMI, F. E. **Processos de conceituação da ação docente em contextos de sentido a partir da Licenciatura em História**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

COSTA, G. **O professor de matemática e as tecnologias de informação e comunicação**: abrindo caminho para uma nova cultura profissional. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

DAY, C. **Desenvolvimento profissional de professores**. Porto: Porto Editora, 2001.

FERREIRA, A. A. **Desenvolvimento profissional de professores de História**: estudo de caso de um grupo colaborativo mediado pelas tecnologias de informação e comunicação aplicadas à educação. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

GARCÍA, C. **Formação de professores**: para uma mudança educativa. Porto: Porto Editora. 1999.

NITZKE, J. A. et al. Avaliando aplicações para criação de ambientes de aprendizagem colaborativa. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO, 10., 23-25 nov. 1999, Curitiba. **Anais**... Curitiba: UFPR, 1999. p. 303-310.

PONTE, J. P. Da formação ao desenvolvimento profissional. In: PROFMAT, 1998, Lisboa. **Actas**... Lisboa: Associação dos Professores de Matemática, 1998. p. 27-44.

PRIMO, A. **Interação mediada por computador**: comunicação, cibercultura, cognição. Porto Alegre: Sulina, 2007.

ROJO, A. **Participation in scholarly electronic Forums**. 1995. Thesis (Doctorate in Education) – University of Toronto, Toronto, 1995.

SILVA, B. A tecnologia é uma estratégia. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL CHALLENGES, 2., 2001, Braga. **Actas**... Braga: Centro de Competência da Universidade do Minho, 2001. p. 839-859.

TORRES, P. L.; ALCÂNTARA, P. R.; IRALA, E. A. Grupos de consenso: uma proposta de aprendizagem colaborativa para o processo de ensino-aprendizagem. **Diálogo Educacional**, v. 4, n. 13, 2004.

Recebido: 10/08/2012
*Received*: 08/10/2012

Aprovado: 25/09/2012
*Approved*: 09/25/2012